



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

DESAFIOS E CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARIA FERNANDA OLIVEIRA LACERDA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

CLAUDIONOR ALVES DA SILVA²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

RESUMO

O estudo analisa os desafios e caminhos da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando que muitos alunos ainda enfrentam dificuldades para dominar a leitura e escrita de forma significativa. Fundamentado em autores como Emília Ferreiro, Cagliari, Paulo Freire, Magda Soares e Vygotsky, defende uma alfabetização que une técnica e sentido social, integrando letramento, diversidade cultural e práticas humanizadoras. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada por meio de entrevista com uma professora alfabetizadora da zona rural, possibilitando o diálogo entre teoria e prática. Os resultados apontam que, embora estratégias como o uso do método fônico associado a atividades lúdicas favoreçam a aprendizagem, persistem obstáculos como a heterogeneidade das turmas, a ausência de acompanhamento familiar, a carência de recursos e a descontinuidade das políticas educacionais.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A alfabetização no Brasil continua sendo um desafio persistente, apesar dos avanços observados nas últimas décadas, os índices permanecem preocupantes, especialmente quando se considera não apenas a capacidade de ler e escrever palavras simples, mas a real compreensão e uso da linguagem escrita no cotidiano. Muitos alunos chegam ao final do ensino fundamental com dificuldades sérias de leitura e escrita, o que compromete sua trajetória escolar. Esses baixos índices refletem, em parte, desigualdades sociais, falta de infraestrutura e investimentos inconsistentes na educação básica.

Os baixos índices ainda revelam desigualdades no acesso à educação de qualidade, especialmente quando se considera a capacidade efetiva de leitura, escrita e compreensão de textos no cotidiano. De acordo com a Agência IBGE Notícias (2024), dados do Censo Demográfico de 2022 mostram que, dos 163 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade,

1. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista-BA.
2. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Com foco em Alfabetização e Letramento. Lotado no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH)



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



151,5 milhões sabiam ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabiam. Assim, a taxa de alfabetização para esse grupo foi de 93,0% em 2022 e a taxa de analfabetismo foi de 7,0%.

Esses dados nos levam a refletir sobre o que realmente acontece nas salas de aula e o quanto isso está (ou não está) alinhado com os sonhos e expectativas de uma escola ideal. Como expressa Elias José (2007) em seu livro “Uma escola assim quero para mim”, a escola dos nossos sonhos é aquela onde o aluno se sente respeitado, acolhido e estimulado a aprender com sentido. Porém, a realidade muitas vezes está distante disso. Por muito tempo, a alfabetização no Brasil foi guiada por métodos mecânicos, centrados na repetição e na memorização, sem dar espaço para a criatividade, o diálogo e o envolvimento do estudante no processo. Ainda hoje, apesar das discussões teóricas mais avançadas sobre letramento e sobre o papel social da leitura, muitas dessas práticas seguem presentes, não por desinteresse dos professores, mas por diversos fatores que dificultam uma mudança real.

Lidar com turmas heterogêneas compostas por alunos com vivências, ritmos e contextos muito diferentes exige mais do que um currículo engessado ou metas padronizadas. Exige escuta, flexibilidade, empatia e compromisso. É esse tipo de escola que Elias José (2007) descreve em sua obra: uma escola com “um pouco mais de sonho”, onde o professor ensina com paixão e o aluno aprende com prazer. No entanto, o que se vê no dia a dia são professores sobrecarregados, tentando encontrar maneiras de adaptar suas estratégias e atender múltiplas demandas sem o suporte necessário. Essa distância entre o ideal e o real é ampliada pela ausência de políticas públicas contínuas e efetivas.

As políticas educacionais, muitas vezes, não acompanham a complexidade da sala de aula. Em teoria, elas deveriam oferecer suporte, garantir formação continuada, materiais adequados e condições reais de trabalho. Mas na prática, o que se vê com frequência são programas descontinuados a cada nova gestão, ações impostas sem diálogo com os educadores e decisões que não levam em conta as particularidades de cada escola. Programas como o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) e o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA) representam tentativas válidas, mas ainda insuficientes se não virem acompanhadas de escuta, investimento e continuidade.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo investigar os desafios enfrentados no processo de alfabetização no Brasil, com ênfase nas práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, nas políticas públicas voltadas para o tema e nas desigualdades sociais que impactam diretamente a aprendizagem dos estudantes. Para isso, a análise será conduzida com base nas discussões realizadas em sala, em leituras teóricas pertinentes e, também, a partir do relato de uma professora alfabetizadora entrevistada.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

MARCO TEÓRICO

A alfabetização no Brasil é um tema que envolve diferentes concepções e práticas, que foram se transformando com o tempo, a partir de novos olhares sobre o papel da linguagem, da criança e da escola nesse processo. Ao longo das décadas, diferentes abordagens teóricas e metodológicas marcaram a educação brasileira, e compreender essas transformações é essencial para refletir criticamente sobre os desafios que ainda persistem em sala de aula, principalmente quando se trata de garantir uma alfabetização com sentido, que respeite o ritmo e a realidade dos alunos.

Neste caminho temos a teoria criada por Emília Ferreiro, que, ao lado de Ana Teberosky, introduziu no Brasil a perspectiva da Psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1985). Influenciadas pelos estudos de Jean Piaget, elas demonstraram que as crianças não aprendem a ler e a escrever apenas por repetição, mas constroem hipóteses sobre o funcionamento da linguagem escrita a partir de sua convivência com o mundo letrado. Essa abordagem rompeu com os métodos tradicionais e trouxe à tona a ideia de que a alfabetização deve ser pensada como um processo ativo, de construção pessoal. Como afirma Ferreiro em sua obra *Reflexões sobre alfabetização*:

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. (...). Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. (Ferreiro, 1995, p.43 *apud* Teixeira; Mello, 2020, p. 8).

Essa perspectiva reforça a ideia de que a alfabetização precisa ultrapassar os limites da escola tradicional e estar conectada às práticas sociais reais. Ao compreender a escrita como uma construção histórica e cultural, o processo de alfabetização passa a considerar os saberes prévios das crianças e as vivências que elas trazem do seu meio social.

Além dessas abordagens mais teóricas, também é necessário considerar as contribuições que ajudam a compreender a alfabetização a partir de uma perspectiva mais técnica da língua. Um bom exemplo disso é a visão de Cagliari, que defende a importância de ensinar o sistema alfabético com base no funcionamento dos sons da fala. Em “Algumas Questões de Linguística na Alfabetização” o autor afirma que "Nosso sistema principal de escrita é o alfabeto. O alfabeto é um sistema fonográfico, portanto, um sistema que parte da representação de sons para compor palavras e chegar, assim, ao significado" (Cagliari, 2011, p. 77). Ele considera essencial que o aluno entenda como os sons se relacionam com as letras, o que exige do professor conhecimento



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

sobre fonologia e consciência fonêmica. Essa proposta reforça que a alfabetização não pode se basear apenas em práticas não planejadas, mas também requer intencionalidade pedagógica e domínio linguístico.

Já o educador Paulo Freire com sua visão humanizadora em sua obra “A importância do ato de ler”, nos mostra que a alfabetização é um processo de libertação e de conexão profunda com a realidade de cada pessoa. Que vai além da técnica de decodificar letras, ele propõe que ler a palavra também ler o mundo, desenvolvendo uma consciência crítica que permite ao aprendiz questionar e transformar sua própria vivência. Assim, o diálogo, o respeito ao conhecimento prévio do aluno e a escuta ativa tornam pilares para uma prática educativa que não só ensina a ler e escrever, mas capacita para a ação e para uma participação mais consciente na sociedade.

Soares (2020) nos convida a ir além do simples ato de decodificar palavras. Ela nos faz enxergar que o verdadeiro poder da alfabetização está em como as pessoas conseguem usar a leitura e a escrita no dia a dia, em situações reais, para se comunicar, aprender e participar do mundo. Ela sempre reforça que a alfabetização e o letramento, que é essa capacidade de usar a leitura e a escrita nas práticas sociais, precisam caminhar juntos. A ideia de "alfabetizar letrando" reforça a importância de formar indivíduos que compreendam a linguagem não só como técnica, mas como prática viva e integrada ao cotidiano.

Soares (2004) aponta, que a supervalorização do letramento, em detrimento do ensino sistemático da alfabetização, resultou naquilo que ela chama de “desinvenção da alfabetização” que ele traz em sua obra, ou seja, uma perda de foco sobre a especificidade do ensino do sistema alfabético. Muitos educadores, na tentativa de romper com métodos tradicionais, passaram a acreditar que a exposição a ambientes letrados seria suficiente para garantir a aprendizagem da escrita. Entretanto, como a autora enfatiza, a alfabetização não ocorre de forma espontânea, é preciso intencionalidade didática, clareza metodológica e compreensão sobre a natureza do código escrito.

Complementando essa perspectiva,

Lev Vygotsky (1978) traz contribuições fundamentais ao compreender que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a linguagem e o pensamento, ocorre por meio da interação social. Sua teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ressalta a importância da interação social ocorrer de forma mais efetiva quando a criança realiza atividades com o apoio de um mediador mais experiente, explorando o espaço entre o que já sabemos e o que podemos conquistar. No contexto da alfabetização, essa visão é fundamental, ela nos lembra



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

de valorizar os saberes que cada aluno carrega, tornando o ensino um processo de ampliação de potencialidades considerando o aspecto cultural e social da linguagem. Assim, alfabetizar é construir conhecimento junto e em trocas significativas.

Dessa forma, este marco teórico apresenta os principais fundamentos que dão suporte à análise proposta neste trabalho. Cabe ressaltar que, ao longo do desenvolvimento, poderão ser incluídos outros autores, especialmente a partir das reflexões trazidas pela entrevista com a professora alfabetizadora. O objetivo deste trabalho é entender como a alfabetização realmente acontece nas escolas, analisando os desafios enfrentados pelos docentes, às práticas pedagógicas que ainda persistem nas salas de aula. A partir da escuta da professora, pretende-se aproximar a teoria da prática, trazendo à tona experiências reais que revelam as complexidades e possibilidades da alfabetização no Brasil.

METODOLOGIA

A escolha metodológica deste trabalho está diretamente ligada ao desejo de compreender a alfabetização não apenas como um conteúdo escolar, mas como uma experiência viva, carregada de sentidos, desafios e afetos. Considerou-se que, para investigar de forma autêntica o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, seria necessário ouvir quem está no chão da escola, lidando diariamente com as conquistas e as dificuldades de seus alunos. Assim a pesquisa foi construída na perspectiva de valorizar a voz da docente, reconhecendo o professor como sujeito central na construção da prática pedagógica e como alguém que traduz, na realidade concreta, as políticas educacionais, os referenciais teóricos e as particularidades de cada contexto social.

Esta pesquisa trata de aspectos relacionados ao processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, buscando compreender as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas pela professora no cotidiano escolar. Sendo assim, essa pesquisa é uma abordagem qualitativa, utilizando a entrevista como principal instrumento de coleta de dados. Segundo Duarte (2009, p. 62), a entrevista é “[...] um recurso metodológico que busca, com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

A entrevista foi realizada com uma professora formada em Pedagogia, com pós-graduação em Letramento e Alfabetização, atuante nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O roteiro da entrevista contemplou questões relacionadas às metodologias de ensino, às dificuldades observadas no processo de aprendizagem e às estratégias utilizadas pela docente. A



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

conversa teve a duração aproximada de uma hora e meia, tempo em que a professora, de forma atenciosa, respondeu a todas as perguntas propostas, e além das perguntas elaboradas, surgiram respostas espontâneas que não estavam previstas no roteiro, mas que contribuíram de forma significativa para a construção e aprofundamento desta pesquisa. Durante esse processo, as respostas foram registradas por meio de anotações feitas pela pesquisadora, preservando a fidelidade às falas e às percepções compartilhadas.

Dessa forma, esta metodologia busca garantir um olhar atento e comprometido com a escuta e a valorização da experiência docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao considerar as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados em sala de aula e os saberes construídos pela professora em sua vivência cotidiana, pretende-se contribuir para uma compreensão mais profunda do processo de alfabetização. Assim, este trabalho reforça a importância de reconhecer o papel do professor como sujeito fundamental na construção de caminhos para uma educação que respeite as necessidades das crianças e assegure o direito à aprendizagem desde o início da trajetória escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com uma docente dos anos iniciais, formada em Pedagogia e com pós-graduação em Letramento e Alfabetização, que exerce a docência em uma turma do 1º ano em uma escola localizada na zona rural de Belo Campo – BA. A escolha dessa participante possibilitou investigar de maneira aprofundada o cotidiano de ensino em um contexto marcado por desafios específicos, como a diversidade de níveis de aprendizagem entre os alunos, recursos pedagógicos limitados e a necessidade de articular teoria e prática de forma contínua. A partir da entrevista, foi possível identificar suas concepções sobre alfabetização, as estratégias adotadas para tornar a aprendizagem significativa e os obstáculos enfrentados no dia a dia escolar. Os dados iniciais evidenciam que, mesmo diante de condições adversas, a docente demonstra grande dedicação, criatividade e sensibilidade pedagógica, buscando constantemente adaptar métodos, recursos e atividades ao perfil de cada estudante, o que revela tanto os limites quanto às possibilidades do processo de alfabetização no contexto rural.

A professora descreveu seu trabalho com entusiasmo, demonstrando dedicação em tornar a aprendizagem significativa para os alunos, mesmo diante de condições adversas. Sua fala permitiu compreender como teoria e prática se encontram na rotina da sala de aula, onde metodologias como o uso do método fônico, aliado a atividades lúdicas, são adaptadas de acordo com o ritmo da turma. Também emergiu de sua narrativa o peso da responsabilidade docente



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

frente à heterogeneidade dos estudantes, já que cada criança chega à escola com conhecimentos, histórias e vivências diferentes. Assim, o papel do professor como mediador do processo educativo ganha ainda mais relevância, uma vez que precisa constantemente reinventar estratégias para que nenhum aluno fique para trás.

A professora relatou que conduz o ensino da leitura e da escrita principalmente pelo método fônico, mas sempre o associa a atividades lúdicas, como jogos, blocos lógicos, letras móveis e fichas de leitura. Esses recursos visuais e concretos ajudam as crianças a desenvolver a consciência fonológica e a compreender o sistema alfabético de forma mais prazerosa. No entanto, embora o método fônico traga contribuições valiosas, ele não pode ser o único caminho, pois, quando aplicado de forma isolada, corre o risco de limitar a criatividade das crianças e enfraquecer a construção de sentido na leitura e na escrita. É fundamental articulá-lo a situações reais de leitura, com textos significativos, que aproximem os alunos da função social da escrita e tornem o processo de alfabetização mais completo, favorecendo não apenas a cognição, mas também os afetos, a imaginação e a convivência em grupo.

A docente também destacou a importância de compreender a alfabetização e letramento de forma integrada, reconhecendo que a aprendizagem da leitura e da escrita não pode se restringir apenas ao domínio do código. Para que a criança avance nesse processo, é fundamental que ela esteja inserida em situações que despertem seu interesse e tenham significado em sua vida escolar e social. Nesse sentido, Soares (1998, p. 18) define letramento como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Assim, o planejamento pedagógico deve priorizar práticas que articulem diferentes áreas do conhecimento, promovendo projetos interdisciplinares que favoreçam a construção do saber de maneira contextualizada. Atividades como a produção de bilhetes, cartazes ou pequenas pesquisas permitem que o aluno perceba a função real da escrita, compreenda seu valor comunicativo e desenvolva habilidades que vão além da decodificação.

Entre os desafios citados pela professora, um dos mais recorrentes foi lidar com os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. Ela relatou que procura valorizar as pequenas conquistas, incentivando a autoconfiança e promovendo o sentimento de “eu consigo”. Mortatti (2019) em sua obra “Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa” retrata que as dificuldades de aprender a ler e escrever não podem ser atribuídas apenas ao aluno ou ao professor, pois refletem um problema histórico da escola brasileira. Diante disso, é possível



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

propor que as redes de ensino ampliem o apoio pedagógico às turmas iniciais, com recursos humanos e materiais que auxiliem o professor a atender melhor à diversidade presente em sala de aula.

Outro ponto levantado foi a ausência de acompanhamento familiar, considerada pela professora um dos maiores obstáculos ao avanço das crianças. A falta de apoio em casa limita o contato da criança com a leitura, e também sabemos que em casa os pais ou responsáveis devem dar aquele suporte aos filhos, reforçando na leitura, nos estudos. Diante disso muitas vezes a escola acaba sobrecarregada, assumindo funções que deveriam ser compartilhadas com a família. Acredito que a criação de espaços de diálogo entre escola e comunidade, por meio de encontros, oficinas ou projetos de leitura, seria crucial para que fortaleçam a parceria família escola.

Outro aspecto mencionado, ainda que de forma indireta, refere-se às políticas públicas voltadas para a alfabetização. A docente destacou que muitos programas chegam às escolas como propostas interessantes, mas acabam não tendo continuidade ao longo dos anos, o que fragiliza o trabalho pedagógico. Essa descontinuidade compromete não apenas o planejamento da escola, mas também a confiança dos educadores em relação às iniciativas governamentais. A ausência de acompanhamento efetivo e de investimentos consistentes em formação continuada foi apontada como um dos grandes entraves para que a alfabetização avance de maneira sólida e significativa. Nesse sentido, a professora ressaltou que mais do que criar novos programas, é essencial garantir condições estruturais de trabalho, materiais pedagógicos adequados e valorização profissional, para que as políticas se transformem em práticas reais e efetivas no cotidiano da sala de aula.

A professora também ressalta a relevância do papel docente como mediador. Mais do que ensinar o código escrito, é preciso inserir a criança em práticas significativas que despertem o gosto pela leitura e a curiosidade pelo texto. Ferreiro (1992, p.44) afirma que é necessário "restituir à língua escrita seu caráter de objeto social", ou seja, é fundamental que as crianças tenham contato com a escrita como objeto cultural e não apenas como técnica. Freire (1981) também reforça essa ideia ao afirmar que alfabetizar é, ao mesmo tempo, ensinar a ler a palavra e a ler o mundo. Nesse sentido, considero que uma proposta importante é investir em práticas que dialoguem com a realidade dos alunos, trazendo textos próximos de sua vida cotidiana, mas também ampliando seus horizontes para novos conhecimentos.

As práticas relatadas pela professora, que mesclam ditados ilustrados, fichas de leitura e jogos, revelam a permanência de estratégias tradicionais ao lado de propostas mais



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

construtivistas. Esse cenário mostra uma tentativa de integrar diferentes métodos e concepções, mas que nem sempre acontece de maneira planejada, o que pode enfraquecer os resultados. Por isso, é fundamental que as práticas pedagógicas sejam constantemente avaliadas e ajustadas, de modo que a tradição seja revisitada criticamente e o novo seja incorporado de forma consciente.

Em síntese, os resultados indicam que a alfabetização no Brasil continua marcada por tensões: métodos tradicionais versus práticas construtivistas; exigências da BNCC versus limitações materiais e sociais; dedicação docente versus ausência de apoio familiar. Nesse contexto, os autores estudados oferecem fundamentos importantes, mas é igualmente necessário que o professor assuma um olhar crítico sobre sua própria prática e elabore propostas adequadas à realidade em que atua. Alfabetizar, portanto, não é apenas ensinar o código escrito, mas criar condições para que a criança se reconheça como sujeito de linguagem, capaz de ler e escrever o mundo em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, ficou evidente que a alfabetização no Brasil ainda enfrenta desafios complexos, que vão além da sala de aula e envolvem fatores pedagógicos e sociais. A prática docente, como relatada pela professora entrevistada, demonstra um esforço contínuo para equilibrar métodos tradicionais, como o ensino fônico, com estratégias mais lúdicas e significativas, procurando atender às necessidades de cada criança. Apesar das boas intenções, obstáculos como recursos limitados, turmas heterogêneas e a dificuldade de integrar escola e família ainda impactam a eficácia desse processo.

Os referenciais teóricos utilizados, especialmente os trabalhos de Emilia Ferreiro, Luiz Carlos Cagliari, Paulo Freire, Magda Soares e Lev Vygotsky, reforçam que alfabetizar vai muito além de ensinar a decodificar palavras. Trata-se de construir conhecimento de forma ativa, considerando o contexto sociocultural do aluno e estimulando uma leitura e escrita que sejam críticas e significativas. Elementos como a psicogênese da língua escrita, a consciência fonológica, o letramento integrado e a mediação social se mostram essenciais para que a alfabetização realmente transforme o aprendizado em experiência viva e relevante.

No cotidiano das salas de aula, entretanto, as desigualdades sociais, a falta de continuidade das políticas públicas e a ausência de suporte familiar representam barreiras concretas que limitam os avanços desejados. A sobrecarga dos professores e a necessidade constante de adaptar práticas pedagógicas evidenciam que a valorização do educador, por meio de formação continuada, melhores condições de trabalho e estrutura adequada, é fundamental



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

para que esses princípios se concretizem. Nesse contexto, os objetivos desta pesquisa foram compreender o papel do professor no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais, identificar os desafios que fazem com que algumas crianças não alcancem o aprendizado ao longo do ano e observar como os docentes lidam individualmente com os alunos em sala de aula. A análise da entrevista realizada com a professora permitiu perceber de forma aprofundada as estratégias utilizadas por ela, as dificuldades enfrentadas e as maneiras como cada criança é acompanhada, evidenciando a complexidade e a dedicação envolvidas no processo de alfabetização.

Por fim, é importante destacar que nenhuma transformação significativa na alfabetização pode ocorrer sem o fortalecimento de políticas públicas consistentes, que garantam continuidade, investimentos adequados e diálogo com os professores. Não basta criar novos programas se eles não forem sustentados ao longo do tempo e se não houver escuta das necessidades reais das escolas. O compromisso com a alfabetização deve ser visto como um compromisso social e coletivo, que ultrapassa a sala de aula e envolve governo, comunidade, famílias e educadores. Nesse sentido, ao lembrarmos a visão de Elias José (2007) em uma “Escola assim, eu quero para mim”, percebemos que o desafio não é apenas ensinar a ler e escrever, mas construir uma escola capaz de acolher, respeitar e inspirar seus alunos. A escola sonhada pelo autor, em que o estudante aprende com prazer e significado, só será possível se unirmos esforços entre políticas públicas, práticas pedagógicas humanizadas e valorização do professor. Somente assim poderemos aproximar a escola real daquela escola ideal que todos desejamos.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Algumas Questões de Linguística na Alfabetização**. In: Conteúdo e Didática de Alfabetização. Universidade Estadual Paulista- UNESP, 2011 p. 72-83. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40140>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1985

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1981.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022:** taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem. Rio de Janeiro: Agência de Notícias IBGE, 17 maio. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em: 22 jul. 2025.

JOSÉ, Elias. **Uma escola assim eu quero para mim**. Ilustrações de Ricardo Dantas. ed. São Paulo: FTD, 2007.

MORTATTI, M. R. **Métodos de alfabetização no Brasil:** uma história concisa [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2019, 175 p. ISBN: 978-85-95463-39-4. <https://doi.org/10.7475/9788595463394>.

SOARES, Magda. **Alfabetizar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEIXEIRA, Pamela Cristina Nunes; MELLO, Adilson da Silva. Alfabetização com função social no século XXI: o que é tecnologia e qual o seu papel na alfabetização. **VII Congresso Nacional de Educação - CONEDU**, Maceió, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1978.